

**“O ESPORTE PROLETÁRIO DE MASSAS”:  
PIONEIRISMO, DOMINAÇÃO E POPULARIZAÇÃO  
DO FUTEBOL NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS  
(1898-1926)**

**"THE PROLETARIAN MASS SPORT": PIONEERING,  
DOMINATION AND POPULARIZATION OF SOCCER  
IN THE CITY OF RIO GRANDE/RS  
(1898-1926)**

FELIPE TREVISO BRESOLIN\*

**Resumo:** O presente artigo visa analisar as contradições sociais presentes na prática inicial do futebol na cidade do Rio Grande/RS, predominantemente elitista e aristocrática, e entender as potencialidades e limites da apropriação desta prática por parte da classe trabalhadora. Para tal, aborda-se a relevância dos clubes da cidade na difusão do futebol no Rio Grande do Sul e a forma como ele tornou-se rapidamente um “esporte proletário de massas”. Além disso, elenca-se a fundação e as diretrizes das ligas de futebol em Rio Grande, que se tornaram o epicentro das tensões entre clubes de diferentes origens sociais, pois reforçavam mecanismos de dominação e exclusão no seu interior. A partir de uma pesquisa histórica documental, concluiu-se que tais interdições não foram capazes de afastar do futebol os trabalhadores, que encontraram formas de driblar esses marcadores de desigualdades e ressignificar sua prática, sendo parte importante das intensas disputas em torno das identidades de classe no Brasil.

**Palavras-chave:** Futebol; Classe trabalhadora; Dominação.

**Abstract:** This article aims to analyze the social contradictions present in the initial practice of soccer in the city of Rio Grande/RS, predominantly elitist and aristocratic, and to understand the potentialities and limits of the appropriation of this practice by the working class. To this end, the relevance of the city clubs in the diffusion of soccer in Rio Grande do Sul and the way it quickly became a "mass proletarian sport" is discussed. Besides that, the foundation and the guidelines of the soccer leagues in Rio Grande, which became the epicenter of tensions among clubs of different social origins, because they reinforced mechanisms of domination and exclusion inside them, are listed. Based on a historical documentary research, it is concluded that such interdictions were not able to keep workers, away from soccer who found ways to dribble these markers of inequality and re-signify their practice, being an important part of the intense disputes around class identities in Brazil.

**Keywords:** Soccer; Working Class; Domination.

---

\* Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (E-mail: felipetbresolin@gmail.com)

## Introdução

O futebol é considerado contemporaneamente para muito além do próprio jogo. Poucos fenômenos são capazes, como ele, de mobilizar as energias populares e reconfigurar o imaginário de um país. Dessa forma, questiona-se a ideia de entendê-lo como um espaço unicamente de despolitização e alienação, abrindo a possibilidade de enxergá-lo como um recinto de mobilização e de agência política. Portanto, enquanto um produto social e um fenômeno de massa, é indispensável analisar o futebol como um tema relevante para a pesquisa histórica.

A cidade do Rio Grande, localizada no extremo-sul do estado do Rio Grande do Sul, ostenta a marca de ser a pioneira da prática futebolística do estado e uma das primeiras do país. O Sport Club Rio Grande, fruto da intervenção de jovens imigrantes ligados às classes dominantes, é reconhecido pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) como o clube em atividade mais antigo do país.<sup>1</sup> Porém, não demorou muito para a “religião leiga da classe operária”<sup>2</sup> marcar presença nos campos e gramados do subúrbio rio-grandino, questionando barreiras de classe e de raça, contemplando praticamente todos os setores e camadas sociais, fábricas, bairros e zonas da cidade. Dessa forma, o presente artigo busca analisar as contradições sociais presentes na prática inicial do futebol em Rio Grande, predominantemente elitista e aristocrática, e entender as potencialidades e limites da apropriação dessa prática por parte da classe trabalhadora.

Para tal, o texto será dividido em três momentos. Inicialmente, será analisado o pioneirismo do futebol na cidade e sua importância na difusão do esporte bretão no Rio Grande do Sul a partir da fundação do SC Rio Grande, em 1900, relacionando com as intensas transformações econômicas e sociais vivenciadas na cidade. Na segunda seção, será abordado como o futebol se tornou rapidamente um “esporte proletário de massas”, buscando entrelaçar os principais estudos sobre futebol operário no Brasil com um primeiro levantamento em fontes de equipes vinculadas ao proletariado e às fábricas de Rio Grande. Por fim, será

---

<sup>1</sup> A Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), declarou, em 1975, que o SC Rio Grande é considerado o clube de fundação mais antigo em atuação no Brasil. O dia do Futebol no país, inclusive, é comemorado no dia da fundação do SC Rio Grande: 19 de julho. A Ponte Preta de Campinas/SP, por sua vez, reivindica o posto de clube mais velho do Brasil, alegando que houve anos que o Rio Grande interrompeu suas atividades esportivas. Este embate já rendeu ações judiciais por parte da equipe rio-grandina, com objetivo de evitar que o clube paulista utilize o slogan de clube mais antigo do país em seu estádio. Ver em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/clube-de-futebol-mais-antigo-do-brasil-rio-grande-sobrevive-longo-da-elite-e-busca-retorno/#page7>. Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>2</sup> HOBBSAWM, Eric. **Mundos do trabalho**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000, p.268.

aprofundada, também via fontes documentais, a fundação e as diretrizes das primeiras ligas de futebol na cidade, pois as mesmas acabam se tornando o epicentro das tensões entre os clubes de diferentes origens sociais, reforçando mecanismos de dominação e exclusão social no âmbito futebolístico.

A escolha do recorte temporal, por sua vez, busca localizar os primeiros registros históricos acerca da prática do futebol na cidade. Abarca-se, assim, o surgimento dos primeiros clubes e a rápida popularização do esporte, passando pelo período de consolidação de ligas unificadas até o recrudescimento de diretrizes elitistas no seu interior. No que tange às fontes utilizadas, opera-se com um repertório de base documental, através de três periódicos de maior circulação em Rio Grande: *Echo do Sul*, do 1º semestre de 1909 até o 2º semestre de 1925; *A Lucta*, do 1º semestre de 1925 até o 1º semestre de 1926; e *O Rio Grande*, do 2º semestre de 1923 até o 2º semestre de 1926. Outros jornais vinculados à classe trabalhadora rio-grandina, que tiveram menor periodicidade, serão utilizados de forma esporádica, como o periódico *O Nosso Verbo*, organizado pelas correntes anarquistas da cidade. Neste caso, leu-se e utilizou-se registros do ano de 1921.

O significado político da imprensa, segundo o historiador Gerson Fraga, deve ser orientado por critérios de classe, ou seja, entendendo que os jornais se transformam em locais de disputas por uma determinada ideologia e onde a luta política também se desenvolve.<sup>3</sup> Por isso, a utilização da imprensa periódica como fonte para a produção historiográfica não deve se restringir à análise de textos isolados, sendo importante associá-lo a seu lugar social de inserção e à qual segmento social estava ligado. E a imprensa esportiva, nesse sentido, não está alheia a esse processo, muitas vezes sendo vista como verdadeira cobertura das atividades brasileiras, promovendo na prática o discurso da eugenia e da higienização.<sup>4</sup>

### **O pioneirismo futebolístico da cidade do Rio Grande e seu papel na difusão do esporte pelo Rio Grande do Sul**

A história do futebol remonta aos períodos de consolidação do capitalismo industrial no século XIX, sendo gradativamente incorporada por escolas designadas à elite britânica como forma de educação corporal e cívica, mas também como espaço de projeção destes

---

<sup>3</sup> FRAGA, Gerson Wasen. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2009, p. 25.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

setores em relação a outros grupos sociais. De acordo com o geógrafo Gilberto Mascarenhas, não é de maneira involuntária que a dinâmica do futebol se aproxima muito da forma de operação do ambiente fabril, principalmente no que tange às especializações de funções, a existência de um comandante (o treinador), do trabalho coletivo e na busca incessante de produtividade. Tal esporte, assim, pode ser entendido como uma espécie de pedagogia industrial por parte da burguesia.<sup>5</sup> O autor acresce que a difusão do esporte na Inglaterra e sua consequente popularização ao povo trabalhador, por outro lado, pode ser explicado através da disseminação no sistema de ensino britânico combinado com a expansão de ferrovias pelo território inglês. Dessa forma, em uma etapa subsequente ao seu surgimento, o futebol deixa de ser praticado exclusivamente por agremiações burguesas e aristocráticas e passa a ser praticado por diversas outras associações e demais setores sociais.<sup>6</sup>

No que tange à rápida popularização do futebol, Richard Giulianotti defende que esse processo está relacionado com o vácuo surgido nos lazeres populares no século XIX, através do êxodo de homens e mulheres para as cidades, e o gradativo desaparecimento de práticas lúdicas ligadas ao ambiente rural. Sendo assim, o futebol, enquanto um esporte simples de ser praticado e que não necessita de uma estrutura sofisticada para ser desenvolvido, tem sua absorção pelos setores populares facilitada.<sup>7</sup> Nesse mesmo sentido, o historiador Eric Hobsbawm atesta que o futebol enquanto um “esporte proletário de massas” é visto de forma mais evidente na Inglaterra na década de 1880, embora já no final da década de 1870 já se perceba um interesse cada vez maior dos trabalhadores pelo esporte bretão. De acordo com o autor, acompanhando a expansão urbana e industrial que ocorria no país, os operários são os grandes responsáveis por difundir e popularizar o futebol no país, ocupando um importante espaço na construção de identidade do proletariado inglês:

O operário se identificava com o seu time contra o resto do mundo – na verdade, em cidades suficientemente grandes, ele se identificava como uma das metades –, City ou United, Forest ou County, que entre si definiam o cidadão de Manchester, Nottingham ou de qualquer parte. O modelo da cultura do futebol, entretanto, era o mesmo em todos os lugares – com um pouco mais ou um pouco menos de emoção –, e era um modelo nacional, ou, para ser mais preciso, um modelo da nação proletária, visto que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra Industrial.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar**: Uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Geografia) - USP, São Paulo, 2002.

<sup>6</sup> *Idem.*

<sup>7</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 7-8.

<sup>8</sup> HOBBSAWM, Eric. *op. cit.*, p. 291.

A difusão do futebol ao restante do mundo, por sua vez, também está atrelada à rede de influência e dispersão do Império Britânico, a partir dos portos, ferrovias, escolas e fábricas. Para José Sérgio Leite Lopes, no período de popularização do esporte na Inglaterra, inicia-se um transplante desta prática a outros países, principalmente através das elites locais:

*a) con la frecuentación y convivencia en las escuelas inglesas de elite (o en escuelas europeas donde el fútbol ya estaba difundido, como en Suiza); b) a través del acceso a la práctica deportiva organizada por las empresas inglesas en el exterior, o incluso en empresas de capitales locales donde la presencia de técnicos ingleses promueve el pasatiempo entre los funcionarios de la empresa; c) a través de la convivencia inglesa en los clubes, originariamente de elite, ya sea aquellos dedicados a otros deportes como el remo, el cricket o el atletismo y que después adhieren a la práctica del fútbol, sea aquellos fundados expresamente como clubes de fútbol. De este origen de elite –donde se destaca la pertenencia a una comunidad de alumnos o ex-alumnos de escuelas o facultades de prestigio– a la posterior popularización, se da un proceso de difusión que tiene especificidades históricas locales, de país en país.<sup>9</sup>*

Analisando as origens do futebol no Brasil, com ênfase no caso do Rio de Janeiro, Leonardo Pereira aponta que são eleitos personagens específicos ligados à burguesia local, como Charles Muller e Oscar Cox, como pioneiros da prática futebolística no país. Há em comum na trajetória de ambos o fato de serem descendentes de imigrantes, filhos de famílias abastadas e que foram completar seus estudos em escolas europeias. Assim, calcifica-se uma memória oficial sobre o futebol brasileiro que afirma que ele nasceu e se desenvolveu exclusivamente entre esse setor social:

Histórias como a dos “pioneiros” servem assim para atestar somente pelo impulso isolado de alguns grupos abastados que buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém-instaurada república brasileira. Elegendo como seus grandes marcos figuras como Charles Muller e Oscar Cox, que difundiram no Brasil as regras que norteavam a prática do *foot-ball association* na Inglaterra, memorialistas e historiadores participam do processo de criação de uma memória do futebol que, tendo um perfil elitista e excludente, é paralela àquela criada para o próprio país nos primeiros tempos do novo regime.<sup>10</sup>

Transportando para o caso da cidade do Rio Grande, pioneira da prática futebolística no Rio Grande do Sul, percebe-se esta mesma relação com elementos aristocráticos e numa memória oficial calcada na preponderância da burguesia local, cujos imigrantes ingleses e alemães são analisados como responsáveis pela criação e consolidação das primeiras entidades esportivas na cidade. No decorrer das décadas de 1870 e 1880, surgem os primeiros

<sup>9</sup> LOPES, José Sérgio Leite. Fútbol y clases populares en Brasil. Color, clase e identidad a través del deporte. *Nueva Sociedad*. Buenos Aires, n. 154, 1998, p. 3.

<sup>10</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (Doutorado em História) - UNICAMP, Campinas, 1998, p. 13.

clubes de regatas, esporte náutico praticado nas águas que banham a cidade.<sup>11</sup> Já em 1880, surge o Club Cricket Rio-Grandense, esporte inglês próximo do futebol.<sup>12</sup> Descendentes das famílias *Lawson*, *Ashlin*, *Robinson* e *Wigg* estão intimamente ligados às direções desses primeiros clubes esportivos, todos eles comerciantes e industriais do município.

Referente ao futebol, registros históricos apontam que as primeiras equipes organizadas especificamente para jogar bola foram fundadas no final do século XIX, mais especificamente em 1898, com a fundação do Sport Club Recreativo e o Sport Club União.<sup>13</sup> No entanto, é só dois anos depois, com a fundação do Sport Club Rio Grande, que o futebol se consolidará na cidade. Na nominata da primeira direção deste clube, também consta a presença de membros importantes das indústrias locais e de famílias tradicionais da cidade, entre eles o alemão *Johannes Minnemann*.<sup>14</sup> Além do seu pioneirismo, é inegável o papel que essas primeiras agremiações tiveram na difusão do esporte à outras cidades gaúchas, com ênfase ao SC Rio Grande, responsáveis por fomentar o futebol em cidades como Porto Alegre, Bagé e Pelotas, através de excursões de iniciação e demonstração da prática esportiva.<sup>15</sup>

Contudo, diferente do que as próprias equipes pioneiras gostariam, rapidamente o futebol se popularizou entre as camadas populares da cidade. De acordo com a pesquisa de Jones Correia, apenas no período compreendido entre os anos de 1900 e 1915 foram fundados 47 clubes de futebol na cidade do Rio Grande, muitos deles formados por trabalhadores.<sup>16</sup> A rápida absorção do esporte pelos segmentos populares na cidade pode ser compreendida – para além da hipótese geral apresentada anteriormente pelo autor Richard Giulianotti –, pelo espaço geográfico que os campos voltados à prática do futebol ocupavam naquela cidade. De acordo com Willy César, os dois primeiros estádios localizavam-se próximos ao ambiente ferroviário, vizinhos da fábrica têxtil Rheingantz<sup>17</sup> e dos principais bairros operários.<sup>18</sup>

---

<sup>11</sup> RIO GRANDE, Rio Grande, 6 jun. 1951.

<sup>12</sup> CÉSAR, Willy. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, 2012, p.22.

<sup>13</sup> ECHO DO SUL, Rio Grande, 13 set. 1909.

<sup>14</sup> ECHO DO SUL, Rio Grande, 13 set. 1909.

<sup>15</sup> CÉSAR, Willy. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, 2012, p. 37.

<sup>16</sup> CORREIA, Jones Mendes. **Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: um estudo sobre a emergência e o processo de (des)elitização do futebol na cidade de Rio Grande – RS (1900 – 1916)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – UFPel, Pelotas, 2014.

<sup>17</sup> Primeira indústria têxtil do Rio Grande do Sul, a fábrica Rheingantz foi instalada em 1873 por descendente de alemães. Foi o primeiro parque fabril e a maior fábrica da história da cidade, chegando a possuir mais de 1.200 trabalhadores e trabalhadoras.



Portanto, tratava-se de locais de bastante concentração proletária, facilitando o contato desse segmento social com o futebol, que logo irá incorporá-lo ao seu cotidiano.

Figura 1 – Jovens jogando bola no recinto ferroviário de Rio Grande na década de 1910.



Fonte: Acervo da Biblioteca Rio-Grandense

### **“O esporte proletário de massas”: a disseminação do futebol na classe trabalhadora rio-grandina**

No Brasil, pode-se notar a presença de várias equipes operárias a partir da década de 1910, principalmente clubes vinculados às fábricas, bem como Votorantin e Crespi, em São Paulo; Bangu Athletic Club, do Rio de Janeiro e o Grêmio Esportivo Renner, em Porto Alegre. Apesar disso, é a equipe carioca que se estabelece como modelo preponderante de explicação

---

<sup>18</sup> CÉSAR, Willy. *Idem*.

sobre a inserção dos operários no meio futebolístico, responsável não só por democratizar o acesso ao futebol às classes populares, mas também de instituir mecanismos de dominação patronal sobre o operariado.

A obra *O negro no futebol brasileiro*, do jornalista Mário Filho, escrita em 1947, foi a principal responsável por estabelecer uma versão praticamente irrefutável sobre o desenvolvimento desse esporte entre as classes populares no Brasil. Influenciado pelo debate intelectual do período, Mário Filho defende que o futebol, enquanto uma forte expressão cultural, funcionava como um instrumento integrante da sociedade brasileira, simbolizando uma vitória definitiva contra os resquícios da escravidão e do racismo. O Bangu, dessa forma, mesmo tendo os estrangeiros como seus precursores – a partir da chegada de técnicos ingleses que vieram trabalhar na Companhia Progresso Industrial, que administrava a fábrica de tecido fundada no bairro em 1892 –, é o primeiro clube a abrir as portas para operários de outras origens, abarcando jovens brasileiros e negros entre seus filiados, o que vai fazer o perfil social da equipe se tornar mais heterogênea que as demais equipes cariocas.

Entretanto, na medida em que a presença de operários vai crescendo na equipe e na arquibancada, o autor atesta que os patrões da fábrica vão percebendo que o futebol pode ser um espaço estratégico de técnica pedagógica e disciplina institucional aplicável ao controle dos jovens advindos da classe trabalhadora, tornando-se um recinto suscetível para potencializar fissuras intraclasses, através de regalias e privilégios aos trabalhadores com melhores rendimentos esportivos, conhecido amplamente na figura do “operário-jogador”.<sup>19</sup> Ou seja, o patronato impunha mecanismos, explícitos ou implícitos, de dominação e controle do tempo livre dos trabalhadores.

Nos últimos anos, contudo, pesquisas históricas vêm questionando esta chave de interpretação que coloca os trabalhadores e os clubes operários como sujeitos passivos frente à dominação patronal. O trabalho do historiador Miguel Stédile, por exemplo, busca questionar o que ele denominou como “paradigma Bangú”, em que a trajetória do clube carioca é vista como modelo definitivo nos estudos sobre o futebol operário. De acordo com o autor, essa interpretação reforça que todo clube *de* fábrica é necessariamente um clube *da* fábrica, de modo que as equipes esportivas seriam praticamente uma extensão da indústria,

---

<sup>19</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro, Mauad: 2003, p. 84.



sendo um espaço unicamente de dominação.<sup>20</sup> Para Stédile, há, em contrapartida, margem de autonomia para o operariado criar estratégias de usufruir a liberdade de tempo e de acessar uma prática que até então lhe era restrita.

O clube fabril mais conhecido de Rio Grande é o Sport Club União Fabril, fundado no dia 10 de agosto de 1919 por operários da fábrica Rheingantz.<sup>21</sup> Tal empresa é reconhecida por ser uma das pioneiras na oferta de políticas de caráter assistencialista aos trabalhadores e trabalhadoras, que iam desde as Vilas Operárias até as sociedades de mutualidade e escolas próprias para seus funcionários. Além disso, disponibilizava uma ampla sede social para a prática de atividades esportivas, espaço que será utilizado pelo SC União Fabril para receber seus jogos.<sup>22</sup>

Em linhas gerais, esse conjunto de medidas articulado pelo patronato visava afastar os trabalhadores e trabalhadores dos movimentos ligados aos sindicatos e das lutas populares, servindo como um mecanismo de controle dentro e fora da fábrica, uma vez que

se apresentam revestidas de um conteúdo “assistencial”, tais práticas “atenuam” em parte a subordinação do trabalho ao capital, mascarando ideologicamente a coerção econômica característica das relações capitalistas de produção. A dominação burguesa assume então uma conotação paternalista, na medida em que as atividades ligadas à educação, assistência social, habitação e lazer são medidas pela figura do “bom patrão”, que, como pai, decide, orienta e ampara seus subordinados, regulando as relações capital-trabalho. Trata-se, em última análise, de estender aquela dominação a outras dimensões da vida operária, subtraindo-a às influências do mundo “de fora” da fábrica.<sup>23</sup>

A posição do movimento operário em relação a essas medidas, por sua vez, era de extrema desconfiança, muitas vezes responsabilizando os próprios operários das fábricas por manterem uma posição amistosa e pacífica frente aos seus patrões. A presença de diretores da fábrica Rheingantz em atividades organizadas pelo União Fabril foram duramente criticadas pela União Geral dos Trabalhadores, entidade libertária da cidade:

As festanças na União Fabril

Realizou-se a 14 do mês passado a inauguração do busto do falecido S. Rheingantz. Lamentavelmente o operariado daquele antro de exploração, concorreu para que a festa na União Fabril fosse revestida de todo o brilhantismo, talvez por temer as perseguições que poderiam advir ante a sua recusa, pois outra conclusão não se pode tirar.

<sup>20</sup> STÉDILE, Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea**: clubes de futebol operário em Porto Alegre. Curitiba: Prisma, 2015, p. 283.

<sup>21</sup> ECHO DO SUL, Rio Grande, 31 out. 1910.

<sup>22</sup> MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande**: industrialização e urbanidade (1873-1990). Rio Grande: Editora da FURG, 2006, p. 111.

<sup>23</sup> PESAVENTO, Sandra. **A burguesia gaúcha**: dominação do capital e disciplina do trabalho. RS 1889-1930. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p.56-57.

O operariado não pode de forma alguma ser amigo de quem o prejudica e o explora! O resultado de tantas festas, de tantas amabilidades por parte do irrisível “bahiano” não se fez demorar...Depois de ter abraçado os infelizes que trabalham sob sua pachorrenta administração, faz por qualquer futilidade imperar o regime das multas. Que sirva de lição ao operariado da Rheingantz, e preparem para breve o busto do “bahiano”. O pior cego é aquele que não quer enxergar. Vamos, operários, já é tempos de nos emancipar.<sup>24</sup>

Convém ressaltar que havia certa ojeriza por parte de correntes políticas presentes no movimento operário em relação ao apreço que os operários tinham por esportes e eventos sociais. O futebol, nesse sentido, era um dos principais alvos de críticas desses setores, que tendiam a vê-lo como um “esporte burguês”, responsável por manipular e tirar o foco das lutas sindicais.<sup>25</sup> Nesse sentido, é possível encontrar diversas posições contrárias ao apego dos operários pelos esportes nas páginas dos periódicos ligados ao movimento operário rio-grandino:

Sindicato Metalúrgico e classes anexas:

Um caloroso apelo foi lançado nesses últimos dias a esta classe, chamando-a ao cumprimento dos próprios deveres para com o Sindicato, mas infelizmente com êxito pouco satisfatório.

Os metalúrgicos dormem ainda pesadamente sonhando com as delícias dos esportes, dos bailes e de tantas outras mundanas diversões. Esquecendo do sofrimento, das injustiças, e da exploração, cujos são eternas vítimas.<sup>26</sup>

A discussão acerca das políticas assistencialistas, e mesmo da posição contrária de parte do movimento operário em relação aos espaços de sociabilidade, fazem-nos resgatar o conceito de *paternalismo*, problematizado em larga medida por E.P. Thompson no livro *Costumes em comum*. Para o historiador marxista, tal conceito tendia a ser analisado como algo descritivo complexo, geralmente apresentando como um modelo de ordem social visto de cima. Ao mesmo tempo que ele não invalida o conceito por completo, alerta como ele pouco nos diz sobre a natureza do poder e do Estado, podendo, em alguns casos, mascarar o conflito entre as classes.<sup>27</sup>

Utilizando-se da perspectiva thompsoniana, Miguel Stédile alerta que os clubes de futebol ligados às fábricas, diferente do propagado por muito tempo na historiografia do trabalho, também podem contribuir na formação de uma identidade própria dos trabalhadores, sendo espaços privilegiados de análise de manifestação de autonomia e de auto-organização

<sup>24</sup> O NOSSO VERBO, Rio Grande, 19 mai. 1921.

<sup>25</sup> ANTUNES, Fátima. **Futebol de fábrica em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – USP, São Paulo, 1992.

<sup>26</sup> O NOSSO VERBO, Rio Grande, 24 nov. 1921.

<sup>27</sup> THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 29.

dos de baixo. Portanto, o autor refuta que exista um controle patronal absoluto em todos aspectos da vida da classe trabalhadora, havendo brechas para a resistência organizada, embates conscientes e formação de laços de solidariedade.

Voltando ao caso do S.C. União Fabril, encontram-se vestígios da participação ativa dos trabalhadores da fábrica Rheingantz na sua condução. Um exemplo desta articulação era a formação de uma banda musical própria dos operários, uma espécie de “torcida organizada” que acompanhava a equipe nos jogos do campeonato.<sup>28</sup> Além disso, acham-se registros orais de trabalhadores da fábrica que reforçam a forma como a agremiação era organizada:

Não, a Companhia lhe emprestava o nome. Seu quadro social compunha-se única e exclusivamente de empregados e funcionários da empresa. (...) Os funcionários, certo? Em jogos e festas de cunho social. Futebol de campo, bolão e mais tarde de futebol de salão. Baile, espetáculos e outros atrativos. (...) Ele pagava mensalidade. (...) Era descontado em folha. Os filhos dos funcionários não pagavam.<sup>29</sup>

O caso desse clube, portanto, é uma chave de análise interessante para compreender as tensões e as disputas envolvendo trabalhadores e patrões nos espaços fora da fábrica. De um lado, há uma clara intencionalidade do patronato de controlar o tempo livre e de conformar uma imagem da empresa como provedora das demandas integrais dos seus funcionários. Por outro, não se deve enxergar a classe trabalhadora como passiva à manipulação. Os clubes, sim, foram utilizados como propaganda e disciplinamento das empresas, mas muitas vezes esses subsídios eram uma estratégia dos trabalhadores para acessar seus interesses próprios. Nesse caso em específico, uma estrutura para poder praticar o futebol em seu tempo livre.

Fundamentado num apanhado de trabalhos que abarcam a temática do futebol no espaço laboral,<sup>30</sup> é possível concluir que os clubes esportivos organizados em fábricas não são, de maneira automática, um artifício da classe dominante. Percebe-se que os trabalhadores podiam ver nesses espaços um recinto próprio de sociabilidade, à revelia da tutela patronal. Isso não significa que a estrutura patronal não impusesse limites, como a presença frequente

<sup>28</sup> RIO GRANDE, Rio Grande, 10 out. 1925 e RIO GRANDE, Rio Grande, 13 out. 1926.

<sup>29</sup> Entrevista do operário Dário Camposilvan, 1981. Presente no Centro de Documentação Histórica da FURG.

<sup>30</sup> À guisa de exemplo, algumas pesquisas recentes que abordam essa temática são: PINTO, Rodrigo Márcio de Souza. **Do passeio público à ferrovia:** O futebol proletário em Fortaleza (1904 – 1945). Dissertação (Mestrado em História) – UFCE, Fortaleza, 2007; ROSA, André Luiz. **Operários da bola:** Um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2011; MARTINS, Pedro Paulo da Silva. **Máquinas paradas e pés à obra:** Futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949-1965). Dissertação (Mestrado em História) – UFCE, Fortaleza, 2017; FREITAS, Tassiane Melo de. **Das minas de carvão para os clubes de futebol e sociedades recreativas:** Experiência de classe entre o operariado da indústria carbonífera do Rio Grande do Sul (1930 – 1950). Tese (Doutorado em História) – UFSM, Santa Maria, 2021; EMRICH, Vitor. **Trabalho, Greves e futebol:** Luta, identidade e sociabilidade na formação da classe trabalhadora friburguense (1911-1933). Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói, 2007.

dos diretores da empresa nas festas sociais do clube e o próprio fornecimento de materiais pela empresa. Porém, apesar disso, percebe-se que havia ação dos trabalhadores orientada pelos interesses da classe, com um impacto na forma como os clubes eram geridos e na própria forma como eles se identificavam com as agremiações.

Cabe lembrar, por fim, que dezenas de clubes proletários foram encontrados na cidade do Rio Grande ao longo da pesquisa. Alguns ligados mais organicamente às empresas e outros formados por trabalhadores heterogêneos e mistos: Sport Club Fábrica Túlio, Leal Santos Foot Ball Club; Grêmio Sportivo Brasil, Sport Club Cruzeiro do Sul, Foot Ball Club Rio Negro, Vila Verde Foot Ball Club, Grêmio Sportivo Bangú, Sport Club Andarahí, Sport Club Operário. Contudo, como veremos adiante, diversos foram os mecanismos de exclusão social utilizados pelas equipes tradicionais para barrar a participação destas equipes no circuito futebolístico da cidade.

### **As ligas de futebol em Rio Grande**

Como visto na seção anterior, o pioneirismo do futebol rio-grandino não ficou restrito ao Sport Club Rio Grande e demais equipes vinculadas aos setores dominantes, encontrando forte respaldo entre a classe trabalhadora e disseminando-se principalmente a partir da segunda década do século XX. Diante da formação de diversas equipes operárias, não bastava à burguesia local preservar o perfil social apenas das suas agremiações, era necessário tomar as rédeas da organização do esporte na cidade, definindo suas diretrizes e selecionando segmentos sociais que poderiam praticá-lo. Nesse sentido, compreender a formação das ligas de futebol na cidade é fundamental, pois acabam se tornando o epicentro das tensões entre clubes com diferentes perfis sociais, potencializando mecanismos de dominação e exclusão no âmbito futebolístico.

Questão que se assemelha ao ocorrido em outras localidades. No Rio de Janeiro, por exemplo, Leonardo Pereira atestou que desde 1904 os clubes de futebol da cidade já ensaiavam a formação de uma liga própria em resposta à popularização que ameaçava o status de fidalguia perene no futebol naquele período. Para tal, define alguns critérios para filiação na entidade: a) os ingressos de clubes só eram aceitos mediante ao pagamento de 50\$000 anuais e 30\$000 mensal; b) a aceitação de novas associações dependia do aval de, pelo menos, dois clubes já filiados; c) era exigido dos clubes campo de dimensões regulamentares. A segregação social somava-se à exclusão racial, já que a liga proibia explicitamente o

registro de jogadores negros.<sup>31</sup> Em Porto Alegre, por mais que com menos detalhes, também se acham registros que apontam para uma postura similar ao Rio de Janeiro. José Antônio dos Santos, ao acessar os regulamentos da Liga Porto Alegrense de Futebol, de 1911, encontrou algumas exigências para os clubes adentrarem na entidade: a) O pagamento do valor mensal de 60\$ como mensalidade e de 220\$ para inscrição; b) Possuir campo com dimensões legais; c) Comportar ampla comodidade para os times visitantes.<sup>32</sup>

No caso de Rio Grande, a primeira tentativa de uma liga unificada de futebol se deu em 1912, aglutinando oito clubes da cidade.<sup>33</sup> Entretanto, divergências entre as equipes, não especificadas pelos jornais do período, dão fim de maneira precoce à entidade. Somente no final de 1915 que uma nova tentativa de consolidação da liga é realizada. Ancoradas pelos três principais clubes da cidade – Sport Club Rio Grande, Sport Club São Paulo e Foot-Ball Club Rio-grandense<sup>34</sup> – formam-se duas divisões, nas quais os clubes menos estruturados, geralmente ligados aos trabalhadores, ocupam o segundo escalão do futebol rio-grandino.<sup>35</sup> A partir de 1918 parece consolidar a hierarquia no futebol local, com um forte recrudescimento das diretrizes internas da entidade, através da intervenção direta da organização estadual, “emprestando-lhe o concurso não só do apoio material, como também moral – o prestígio das próprias tradições”.<sup>36</sup>

Consolida-se, enfim, a *Liga Rio-Grandense de Amadores*, na qual fazem parte somente os clubes legalmente filiados à entidade estadual: Rio Grande, São Paulo, Rio-grandense e General Osório.<sup>37</sup> Um dos primeiros objetivos dessa liga, presente de forma aberta em seus comunicados, é a moralização do futebol local, principalmente a partir do

---

<sup>31</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (Doutorado em História) - UNICAMP, Campinas, 1998, p. 63.

<sup>32</sup> SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

<sup>33</sup> ECHO DO SUL, Rio Grande, 09 mar. 1912.

<sup>34</sup> Essas três agremiações contavam com maior amparo da imprensa local e do empresariado, sendo responsável por formar uma verdadeira hierarquia no âmbito futebolístico de Rio Grande, inclusive após a profissionalização. Cada um deles possui um título de Campeão Gaúcho. O Rio-grandense foi fundado em 1909, produto de um racha que existiu entre os sócios do Rio Grande. O São Paulo, por sua vez, é de 1908, possuindo um caráter mais híbrido em relação aos seus outros dois adversários. A sua fundação envolveu comerciantes e ferroviários, questão que o fará ser reconhecido mais adiante como o “clube popular” da cidade. No entanto, na sua gênese, apesar de contar com a participação de alguns representantes dos setores populares, sua diretoria era composta majoritariamente por indivíduos da pequena burguesia, muitos deles filhos de imigrantes.

<sup>35</sup> CORREIA, Jones Mendes. *op. cit.*, 2014, p. 71.

<sup>36</sup> RIO GRANDE, Rio Grande, 2 jul. 1923.

<sup>37</sup> RIO GRANDE, Rio Grande, 15 mai. 1925. Em relação ao Foot-Ball Club General Osório, foi fundado em 1918 por militares. Devido a seu prestígio perante a sociedade e por possuir uma ampla estrutura física para a prática do esporte, participou da fundação da liga junto com as outras três equipes.

combate ao profissionalismo, comparado a um “parasita”, “uma praga que vai se alastrando por toda a parte”. E vão além: não se deve admitir que “moço educado, estudante ou comercial, se equipare a um indivíduo cuja única ocupação na vida é jogar futebol”, devendo “às diretorias dos clubes, composta em sua totalidade de cavalheiros dignos e criteriosos, tomar enérgicas providências”.<sup>38</sup>

Nesse sentido, diretrizes foram estabelecidas com um nítido objetivo de filtrar a participação de clubes e jogadores provenientes da classe trabalhadora. Assim como no caso do Rio de Janeiro e Porto Alegre, exigia-se a posse de um campo marcado e estruturado, onde diretores da Liga eram nomeados regularmente para fazer a vistoria.<sup>39</sup> As medidas enérgicas para combater o profissionalismo, amplamente comemoradas pela imprensa tradicional, amparam-se em dois marcadores de exclusão: classe social e cor. Isso fica evidente em nova lei aprovada de forma unânime pelos clubes filiados à entidade: “O jogador que não souber assinar o nome, não poderá jogar nos clubes filiados.”<sup>40</sup> Vale lembrar que na cidade do Rio Grande, no início do século XX, somente 40% dos habitantes sabiam ler e escrever. Na década de 1920, a proporção subiu para 42,44%.<sup>41</sup> Ou seja, é bem provável que boa parte dos trabalhadores não sabiam ler e escrever, impedindo ainda mais a inclusão desse segmento social na liga de futebol.

Em nova circular divulgada pela entidade gaúcha de futebol, a sua direção reforça que tais medidas têm o objetivo de “reerguer” e “moralizar” o esporte bretão no estado. Por essa razão, no sentido de “fazer uma seleção entre aquelas sociedades que demonstram um verdadeiro espírito esportivos e as que se intitulam como propagadores da perfeição física e moral”, a Federação resolve ser mais ríspida na cobrança dos dispositivos seguintes: a) creditar anualmente, em janeiro, o representante junto a esta Federação; b) não tomar parte em jogos com clubes que não sejam filiados, sob pena de ser punido; c) promover uma festa em benefício dos cofres da Federação. Além disso, como mostra o empenho em combater a “vergonhosa e prejudicial prática do profissionalismo”, afirma-se categoricamente que “os analfabetos não poderão ser inscritos nos regimentos desta Federação, sendo, agora adiante, obrigatória a assinatura do próprio jogador, nos boletins dos jogos”.<sup>42</sup>

<sup>38</sup> ECHO DO SUL, Rio Grande, 16 mai. 1925.

<sup>39</sup> A LUCTA, Rio Grande, 26 jun. 1925.

<sup>40</sup> A LUCTA, Rio Grande, 16 abr. 1926.

<sup>41</sup> LONER, Beatriz. **Construção de classe:** Operários de Pelotas e Rio Grande. 2. ed. Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

<sup>42</sup> A LUCTA, Rio Grande, 20 abr. 1926.



Portanto, em síntese, o futebol rio-grandino não passou imune às políticas de exclusão vigentes na sociedade, ocorrendo uma evidente discriminação social no seu âmago, especialmente no período que o futebol foi uma atividade preponderantemente amadora. É importante ressaltar que grande parte da literatura sobre o futebol critica os problemas da imposição do amadorismo para jogadores provenientes da classe trabalhadora, pois, além de limitar sua atuação nas principais equipes e ligas, precisavam dividir o tempo entre o esporte e o trabalho pesado. Gerson Fraga, ao mesmo tempo, pondera que a profissionalização não atenuou as tensões sociais e raciais no universo do futebol, já que os jogadores negros, sobretudo, tiveram enormes dificuldades para se firmar nos grandes clubes, sofrendo uma pressão por resultados muito maior que os atletas brancos.<sup>43</sup>

Porém, como referenciado anteriormente, os trabalhadores, mesmo em condições dadas e limitadas pela exploração das relações de classe, são atores históricos ativos e não submissos à tutela dos setores dominantes. As interdições citadas, dessa forma, não foram capazes de afastar do esporte trabalhadores, que encontraram formas de driblar esses marcadores de desigualdades. No caso de Rio Grande, houve a tentativa de algumas agremiações operárias se filiarem à liga, caso do S.C. Cruzeiro do Sul<sup>44</sup> e do próprio S.C. União Fabril. Em dado momento, inclusive, houve indícios de que seriam aceitos e formariam uma segunda divisão para agrupá-los.<sup>45</sup> Entretanto, mesmo com a tentativa dos jornais de maior circulação contornar a situação, a entrada dos clubes foi vetada por supostamente não acatarem as diretrizes da entidade.<sup>46</sup>

Somente em 1926, após muita discussão entre a associação local e estadual, o S.C. União Fabril é aceito na liga. Frente às diretrizes elitistas citadas anteriormente, é plausível supor que os trabalhadores da fábrica Rheingantz se utilizem da empresa para conseguir angariar recursos para custear as exigências da entidade estadual. Porém, mesmo com esse provável aporte da fábrica, a presença do clube entre as agremiações principais não vai ser duradoura. No início da década de 1930, a qualidade inferior dos seus atletas em relação aos demais clubes vai receber severas críticas da imprensa local.<sup>47</sup> Por conta de falta de apoio

---

<sup>43</sup> FRAGA, Gerson Wasen. “A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2009.

<sup>44</sup> Fundado em outubro de 1910, supõe-se, através da análise do seu corpo diretivo, que era ligado aos operários da Cervejaria Schmidt.

<sup>45</sup> ECHO DO SUL, Rio Grande, 22 mai. 1925.

<sup>46</sup> A LUCTA, Rio Grande, 23 mai. 1925.

<sup>47</sup> RIO GRANDE, Rio Grande, 18 mar. 1931.

financeiro da empresa, o União Fabril encerra suas atividades esportivas em 1931, dedicando-se apenas à atividade social.<sup>48</sup> Questão que não apaga o fato de ser o principal, e praticamente único, clube operário a conseguir performar e rivalizar com os principais clubes da cidade.

Outras agremiações operárias que não continham tal suporte, privadas de performar na principal liga futebolística do município, utilizavam-se de outros subterfúgios para seguir praticando o esporte, como a formação de clubes e ligas independentes, nas quais a delimitação de classe e raça era preponderante na sua composição. O maior símbolo dessa organização é a fundação da *Liga Sportiva Rio Branco*, no mês de agosto de 1926, que congregava clubes operários, de bairros e ligados à comunidade negra rio-grandina. Mackedanz e Rigo<sup>49</sup>, ao diagnosticarem os mesmos mecanismos de exclusão nas ligas de futebol de Rio Grande, atestaram que essa entidade incorporou agremiações que possuíam um forte vínculo com a população afrodescendente e que se caracterizavam como os típicos clubes de negros da época. Bresolin<sup>50</sup>, nesse mesmo sentido, identificou um alto conteúdo proletário nessa mesma liga, contendo, inclusive, relações mais amplas com símbolos, lideranças e associações operárias. O presente artigo, contudo, não visa aprofundar, neste espaço, a existência da *Liga Sportiva Rio Branco* – até por extrapolar o objetivo e o escopo temporal aqui proposto. No entanto, não deixa de ser mais um forte indício de como os trabalhadores não recebem de forma passiva a tutela dos setores dominantes, onde o futebol também se torna um espaço de disputa, conflitos e formação de identidades.

### Considerações finais

O início do século XX foi marcado pela fundação de diversas experiências associativas que buscavam cumprir múltiplas finalidades – desde a representação sindical, passando por aspectos culturais e recreativos. Todas elas eram marcadas pela busca da integração daquela grande parcela de homens e mulheres que buscavam se inserir nos marcos do desenvolvimento capitalista. Aquelas voltadas às práticas recreativas, com ênfase nos clubes de futebol, tiveram bastante capilaridade entre a classe trabalhadora, constituindo-se rapidamente no esporte mais popular e mais difundido entre os proletários.

---

<sup>48</sup> RIO GRANDE, Rio Grande, 15 abr. 1931.

<sup>49</sup>MACKEDANZ, C.F.; RIGO, L.C. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930). *Cadernos de História*, v. 22, n. 37, p. 222-239, 30 nov. 2021.

<sup>50</sup> BRESOLIN, Felipe Treviso. **Jogo, logo existo: futebol, conflito social e sociabilidade na formação da classe trabalhadora em Rio Grande/RS**. Dissertação (Mestrado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2023.

Contudo, como destacado ao longo do artigo, o “esporte bretão” em seus primórdios era uma prática das elites da cidade e sua inserção estava intrinsecamente ligada à modernidade capitalista. Como forma de garantir aos fidalgos o monopólio da prática esportiva, diversos mecanismos foram utilizados para consolidar um filtro social classista e racista nas entidades futebolísticas, que iam desde a exigência de contar com uma estrutura física para os jogos até a exclusão de atletas que não sabiam ler e escrever. Os trabalhadores negros, nesse sentido, eram os mais prejudicados, justamente por representarem uma parcela significativa da classe trabalhadora na cidade e os que menos tinham possibilidade de ascender na escala social por conta do racismo estrutural presente no período do pós-abolição.

De toda forma, tais interdições não foram capazes de afastar do esporte trabalhadores, sobretudo negros, que encontraram formas de driblar esses marcadores de desigualdades, seja a partir da negociação e do embate com o patronato até a formação de clubes e ligas independentes. Portanto, tais experiências citadas ao longo deste texto permitem-nos resgatar uma longa trajetória de luta contra os preconceitos sociais e raciais presentes no cerne da prática do futebol e mais especificamente na cidade do Rio Grande. Com as suas diferenças entre si, foi essa articulação, de baixo para cima, que tencionou a abertura das ligas com maior poder aquisitivo aos jogadores oriundos da classe trabalhadora e potencializou o próprio processo de profissionalização do esporte – com seus limites já expostos anteriormente. Assim, é irrefutável que o futebol foi disseminado e ressignificado pelos trabalhadores ao longo das primeiras décadas do século XX, sendo parte importante das intensas disputas em torno das identidades de classe no Brasil.

## Referências

ANTUNES, Fátima. **Futebol de fábrica em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – USP, São Paulo, 1992.

BRESOLIN, Felipe Treviso. **Jogo, logo existo: futebol, conflito social e sociabilidade na formação da classe trabalhadora em Rio Grande/RS**. Dissertação (Mestrado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2023.

CÉSAR, Willy. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, 2012.

CORREIA, Jones Mendes. **Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: um estudo sobre a emergência e o processo de (des)elitização do futebol na cidade de Rio Grande – RS (1900 – 1916)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – UFPel, Pelotas, 2014.

- EMRICH, Vitor. **Trabalho, greves e futebol: Luta, identidade e sociabilidade na formação da classe trabalhadora friburguense (1911-1933)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói, 2007.
- FRAGA, Gerson Wasen. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: Nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950**. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- FREITAS, Tassiane Melo de. **Das minas de carvão para os clubes de futebol e sociedades recreativas: Experiência de classe entre o operariado da indústria carbonífera do Rio Grande do Sul (1930 – 1950)**. Tese (Doutorado em História) - UFSM, Santa Maria, 2021.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. **Mundos do trabalho**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.
- LONER, Beatriz. **Construção de classe: Operários de Pelotas e Rio Grande**. 2. Ed. – Pelotas: Ed. UFPel, 2016.
- LOPES, José Sérgio Leite. Fútbol y clases populares en Brasil. Color, clase e identidad a través del deporte. **Nueva Sociedad**. Buenos Aires, n. 154, p. 124-146, 1998.
- MACKEDANZ, C.F.; RIGO, L.C. “Racismo à brasileira” no futebol rio-grandino: notas sobre a Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930). **Cadernos de História**, v. 22, n. 37, p. 222-239, 30 nov. 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/24578>.
- MARTINS, Pedro Paulo da Silva. **Máquinas paradas e pés à obra: Futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949-1965)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFCE, Fortaleza, 2017.
- MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)**. Rio Grande: Editora da FURG, 2006.
- MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar: Uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia) - USP, São Paulo, 2002.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Tese (Doutorado em História) - UNICAMP, Campinas, 1998.
- PESAVENTO, Sandra. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho. RS 1889-1930**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- PINTO, Rodrigo Márcio de Souza. **Do passeio público à ferrovia: O futebol proletário em Fortaleza (1904 – 1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFCE, Fortaleza, 2007.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. edição. Rio de Janeiro, Maud: 2003.
- ROSA, André Luiz. **Operários da bola: Um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950**. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2011.
- SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol**. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

STÉDILE, Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre.** Curitiba: Editora Prismas, 2015.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.